

A TRAJETÓRIA MUSICAL DE JUAREZ MOREIRA

Data de aceite: 01/03/2024

Gustavo Frederico Bracher e Silva

Escola de Música – Universidade Federal
de Minas Gerais
Departamento de Artes Cênicas -
Universidade Federal de Ouro Preto
<https://orcid.org/0000-0003-2364-5509>
<http://lattes.cnpq.br/2535780037239301>

RESUMO: O presente trabalho, apresenta uma entrevista com Juarez Moreira acompanhada de várias ilustrações musicais na qual ele fala de suas influências, carreira e processo de composição.

PALAVRAS-CHAVE: Juarez Moreira, biografia, compositor, interprete.

JUAREZ MOREIRA AND A BRIEF MUSICAL HISTORY

ABSTRACT: The present work, presents an interview with Juarez Moreira accompanied by several musical examples in which he talks about his influences, career and composition process.

KEYWORDS: Juarez Moreira. Biography. Composer. Interpreter

INTRODUÇÃO

O compositor, arranjador, violonista e guitarrista Juarez Ferreira Moreira, conhecido como “Juarez” ou simplesmente “Júá” pelas pessoas mais próximas e músicos com quem divide o palco, é uma das figuras centrais da música instrumental de Minas Gerais, tido como um dos pilares da “Escola Mineira de Violão” ao lado de Chiquito Braga e Toninho Horta.

O material biográfico sobre Juarez Moreira até o momento é de certa forma escasso. Encontramos uma sucinta biografia de divulgação em seu site oficial bem como notas em sites jornalísticos com a mesma finalidade. Até o momento, o trabalho acadêmico de maior envergadura que aborda aspectos da biografia e da produção de Juarez Moreira parece ser a recente tese de doutorado de Daniel Menezes Lovisi, “A construção do violão mineiro: singularidades, estilos e identidades regionais na música popular instrumental de Belo Horizonte”, de 2017.¹

¹ A tese se debruça sobre os procedimentos da escola mineira de violão, sua história e características, e faz um levantamento biográfico mais profundo sobre Chiquito Braga, Toninho Horta, Juarez Moreira e Gilvan de Oliveira.

O presente trabalho se vale de um contato bastante próximo que tenho com o músico, uma vez que trabalho com Juarez, desde 2005, no FIV (Festival Internacional de Violão de Belo Horizonte), evento que ocorre quase todos os anos na capital mineira e é organizado por uma equipe que, além de Juarez, inclui Alieksey Viana e Fernando Araújo. Por essa proximidade, pude acompanhar ao longo do tempo, diversos shows, conversas e bate papos com Juarez, tendo já tocado com ele em programas de televisão e rodas de violão. Tal contato permitiu também que fossem feitas diversas entrevistas, e principalmente a entrevista que é apresentada em vídeo neste trabalho para o 3º “Nas Nuvens...” Congresso de Música.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Juarez, que iniciou sua carreira como músico profissional nos anos 1970, lançou até o presente momento 13 CDs e 1 DVD de trabalhos próprios, que transitam entre composições próprias e arranjos, em diversas formações instrumentais: trios (baixo, bateria, violão/guitarra), quartetos (baixo, bateria, violão/guitarra, instrumento de sopro/teclados) violão solo, duo com cantoras, quarteto de cordas, orquestra etc. Suas gravações e apresentações são também caracterizadas pela presença da guitarra elétrica e do violão, com certa predominância do segundo. O trabalho de Juarez também se faz presente em mais de 55 participações como convidado especial em gravações com músicos de varias gerações de todo o Brasil. Apresentou-se ao lado de grandes nomes da música brasileira como Egberto Gismonti, Ivan Lins, Milton Nascimento, Yamandú Costa, Naná Vasconcelos, Wagner Tiso, Toninho Horta, Maria Bethânia, Gal Costa, entre outros e realizou inúmeras apresentações em países como Estados Unidos, França, Venezuela, Portugal, Itália, Suíça, Finlândia, Argentina, Venezuela, tocando em teatros como Lincoln Center (NY).

O INÍCIO EM GUANHÃES

Juarez nasceu em Guanhães, interior de Minas, no ano de 1954. As primeiras influências musicais vieram de seu pai Rivadavia Moreira, violonista amador. Juarez também destaca a importância do ambiente familiar e a presença do violão nos discos de vinil ouvidos em casa, como os de Dilermando Reis, Luis Bonfá e João Gilberto para sua formação musical.

Ouvíamos tudo, papai tinha discos de Luiz Bonfá, Jobim, João Gilberto, Dilermando Reis. Tivemos uma formação muito boa, e o Brasil na época era muito curioso, não tinha a televisão tão forte, mas tinha o rádio e tinha a cultura oral do violão [...]. Então a família tem essa relação visceral com a música (GALILEIA, 2012, p. 313)

Seu avô Guilherme Alves Moreira, de descendência espanhola, dentista de profissão e musicista amador, tocava diversos instrumentos, e se apresentava ao lado de seu irmão, Valério Alves Moreira, flautista, no Cine MetrÓpole em Belo Horizonte na época do cinema mudo. Seu tio, William Moreira, era advogado e violonista, “brilhante, que tocava música espanhola, clássico e etc ... e era amigo do Tom Jobim” (MOREIRA, 2017) foi um grande incentivador para que Juarez seguisse a carreira como músico profissional.

Dentro desse ambiente de tradição familiar ligada à música, Juarez, aos doze anos, começou a tocar violão e guitarra com os instrumentos de seu pai, “uma Gibson ES 125 T de 1957 comprada em 1958 e um violão Di Giorgio” (MOREIRA, 2017). A presença de ambos os instrumentos, tornou a passagem constante de um para o outro algo natural. No início, Juarez reproduzia o que de bom ouvia de música popular, erudita e jazz. Informalmente, começou a dar os primeiros passos no caminho do violão.

Comecei a tocar com 12 anos. Estudar música foi no final dos anos setenta. Nunca estudei com ninguém. A não ser engenharia, que larguei no último ano. Como sou autodidata, estudei de tudo um pouco, ‘tirando’ músicas de ouvido nos discos de vinil. (MOREIRA, 2015)

Segundo Juarez, nesse processo seus “professores” foram os discos de Baden Powell, Luiz Bonfá, Paulinho Nogueira, Zé Menezes, Agustín Barrios, Carlos Barbosa-Lima tocando J. S. Bach, assim como álbuns de Bossa Nova e dos Beatles. Entretanto, para Moreira seu aprendizado sempre foi constante e dinâmico, com influências variadas: “houve vários músicos que encontrei e com quem aprendi” (MOREIRA, 2015).

MUDANÇA PARA A CAPITAL MINEIRA

Juarez se muda para Belo Horizonte nos anos 70, para estudar engenharia na UFMG. Na capital, teve a oportunidade de conhecer vários músicos que se tornaram incentivadores e parceiros, como Toninho Horta, Nivaldo Ornelas, Wagner Tiso, Chiquito Braga. O contato com essa geração de músicos, já estabelecidos no cenário musical de Belo Horizonte, foi determinante para a sua carreira.

Juarez destaca que Toninho Horta, Nivaldo Ornelas, Wagner Tiso foram as convivências fundamentais na definição do músico que se tornou: “Aprendi com eles o gosto pela harmonia, a paixão pela música, a generosidade, e que temos que trabalhar muito e sempre” (MOREIRA, 2015).

O Toninho Horta, o Nivaldo Ornelas, o Wagner Tiso, eles me adotaram, então me chamavam pra tocar, me colocavam na fogueira porque naquela época [início dos anos 70] a ditadura provocava uma repressão e uma “autorepressão” muito grande no cidadão. Para uma pessoa de classe média largar tudo e ir para a música [...] era muito difícil (GALILEIA, 2012, p.314).

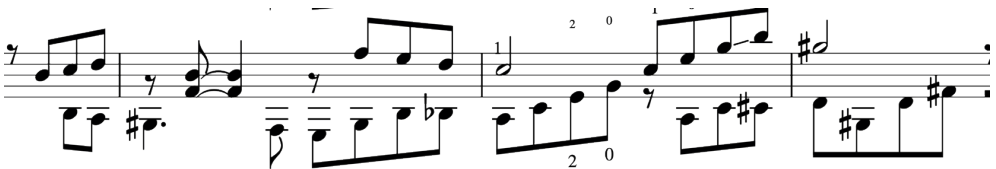
JUAREZ E A COMPOSIÇÃO

Juarez começou a compor em meados da década de 1970 e segundo suas palavras a composição é uma constante em sua rotina:

Componho regularmente. Tenho em torno de umas cem composições. Já gravei mais de quarenta. [...]. A composição vem, no meu caso, sempre a partir dos estudos de violão. Estou praticando e, de repente, surge uma ideia. (MOREIRA, 2015)

Juarez também destaca que seu estudo é diário, quase religioso, e tem como base obras do repertório clássico do violão, entre elas *La Catedral* e *Las Abejas*, de Barrios, o *Prelúdio BWV 1004*, de J. S. Bach, o *Estudo nº 1*, de Villa-Lobos, além de obras de Garoto.

Como seu processo de criação, composição e arranjo deriva e está intimamente ligado à prática instrumental do violão, suas composições estão intimamente ligadas à própria mecânica do instrumento, criando ao mesmo tempo uma música refinada e com características violonísticas.



Ex. 1. Transcrição de trecho da música Riva – Gravada no CD RIVA (2010) para violão solo.



Ex. 2. Transcrição de trecho da música Riva – que demonstra uma frase com idiomatismo do violão através de encadeamentos de acordes.

Juarez destaca que a música Riva foi feita tocando e para tocar, pensando no violão solo, assim como, *Bom Dia*, *Baião Barroco* e *Você Chegou Sorrindo* (MOREIRA, 2017)

Algumas obras, Juarez destaca que são compostas com voz e violão, criando inicialmente a harmonia e improvisando uma melodia com a voz ou harmonizando uma melodia cantada, conseguindo assim um resultado composicional diferente, como o próprio Juarez destaca ao citar o processo composicional de “Diamantina”.

C/G A/G Dm/C G/B Dm/C G/B B^{b6} C/B^b

5 Dm⁷/A Dm⁷ Gm⁷ F#m⁷ B⁷(9)(sus⁴) E F#m⁷(11) G#m⁷(#5) A⁷M B⁷(9)(sus⁴) E⁹ G#⁷(b13)

Ex. 3. Transcrição da melodia com harmonia cifrada, com o acompanhamento de “Diamantina”, álbum Bom dia (1989/1997) (LOVISI, 2017, p. 218)

Procedimento esse que também foi usado em Samblues, que é uma homenagem ao ídolo baixista Jaco Pastorius (1951-1987). Faixa presente no disco homônimo de 1997, foi gravada inicialmente por Juarez na guitarra, acompanhado de baixo, teclado e bateria e rearranjada para o violão-solo no álbum RIVA (2010).

E⁷M⁽⁹⁾ E/G# A⁷ F#⁷ B⁷(sus⁴)

Ex. 4. Transcrição da melodia com harmonia cifrada da primeira frase de “Samblues” de 1997.

Ex. 5. Transcrição da condução harmônica da primeira frase de “Samblues” na gravação original de 1997.

Abaixo podemos ver o mesmo trecho apresentado acima no arranjo para violão solo feito para o álbum RIVA de 2010 onde a harmonia e a melodia aparecem juntas.

Ex. 6. Transcrição Parte A de “Samblues”, arranjo para violão solo, álbum RIVA (2010)

Podemos ver com os exemplos musicais acima, um pouco do processo de arranjo de Juarez, onde o violão passa a acumular os papéis de expor a melodia e executar o acompanhamento.

Em *Conversa Comigo Mesmo*, composta em 2006, podemos ver mais um exemplo da música que se manifesta através do contato com o instrumento. Essa música vem da introspeção, característica do falante Juarez Moreira. “Sou uma pessoa agitada, em oposição à minha música, calma” (Moreira, 2015). O compositor relata o processo de criação. “Essa música veio de tocar o violão, naqueles dias que você toca relaxado, de forma afetiva, livre, sem se preocupar com forma, etc ... e o violão responde ao carinho” (MOREIRA, 2015)

The image shows a musical score for guitar in 4/4 time, marked with a tempo of quarter note = 97. The score is written on two staves. The upper staff contains a melodic line with various rhythmic values and accidentals. The lower staff contains a bass line with chords and single notes. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some slurs and ties. The key signature has one sharp (F#).

Ex. 7. Transcrição do início de “Conversa Comigo Mesmo” onde podemos observar a exploração de cordas soltas, harmônicos naturais e procedimentos idiomáticos do violão.

Outra característica da performance e composição de Juarez Moreira é apresentar variações quando uma frase é novamente apresentada. Podemos ver no exemplo abaixo em ossía o desenvolvimento do material na segunda apresentação da frase de “Valsa para Maria” na versão para violão solo do álbum RIVA de 2010.

The image shows a musical score for guitar in 3/4 time. It consists of two staves. The upper staff is a melodic line with various rhythmic values and accidentals. The lower staff is a bass line with chords and single notes. The music features a mix of eighth and sixteenth notes, with some slurs and ties. The key signature has three sharps (F#, C#, G#). The score includes fingerings (0, 1, 2, 3, 4) and glissando markings.

Ex. 8. Variação apresentada em Valsa para Maria (c. 17 a 21)

Juarez também destaca que acompanhar cantores foi um grande aprendizado para seu trabalho como compositor, ajudando muito em sua precisão rítmica e na capacidade de preencher espaços com o violão, simulando um contrabaixo e um piano, criando assim um acompanhamento mais completo como “uma banda de jazz” (MOREIRA, 2017), tal como ele ouvia nos discos e em shows. Essa técnica ele desenvolveu criando diferenças de intensidade e timbres para as vozes propostas em seus acompanhamentos, característica transportada para peças solo em que podemos perceber, muitas vezes, três planos distintos: o baixo, o preenchimento harmônico com vozes centrais e a melodia principal, sendo que esta, muitas vezes, troca de posição e não se restringe à voz aguda. Cita ainda a influência de Bill Evans com seus encadeamentos de acordes, condução de vozes e sua chord melody². (MOREIRA, 2015)

Ademais, Juarez destaca a liberdade e originalidade que a ausência de uma instrução musical formal proporciona ao músico: “o autodidatismo permite ao músico, na maioria das vezes, criar um estilo muito original” (MOREIRA, 2015).

MARCOS EM SUA CARREIRA

Um importante marco na trajetória de Moreira foi o grupo instrumental mineiro “Vera Cruz”, formado por ele, Yuri Popoff, Mauro Rodrigues, José Namem e Neném. No entanto, Juarez considera que sua estreia profissional aconteceu ao integrar o grupo instrumental do maestro Wagner Tiso em 1978, pouco antes de abandonar o curso de engenharia. Com Wagner Tiso, realizou diversas turnês, tocando ao lado de nomes como Maria Betânia, Paulo Moura, Milton Nascimento, Nivaldo Ornelas, Lô Borges, Beto Guedes, entre outros.

Em 1985, sua música “Diamantina” foi gravada por Toninho Horta no álbum “Diamond Land”, no qual Juarez fez participação. No ano seguinte, foi para Nova York onde frequentou o ambiente de jazz da cidade, tocando com diversos músicos em shows e jams, podendo vivenciar outra realidade musical e nova dinâmica profissional. Além de Nova York, onde morou por 7 meses, esteve em Los Angeles, onde “tocava no circuito brazuca” (MOREIRA 2017), casas de show de música brasileira, e no circuito do jazz:

Nos EUA eu pude ver vários músicos que já eram famosos trabalhando, dia após dia, sem o glamour que a gente acha que existe. Isso me marcou muito: ver como é de verdade, que é trabalho diário, o que importa não é chegar, mas o caminho todo dia. (MOREIRA, 2017).

Em 1989 lançou, no Brasil, seu primeiro disco, “Bom Dia”, que contou com participação de André Dequech, Paulo Moura, Toninho Horta, Zeca Assumpção e Esdras Ferreira (Neném). Álbum que apresenta apenas composições próprias, inclusive temas que se tornariam algumas de suas composições mais conhecidas: “Baião Barroco” e “Diamantina”.

² Chord Melody consiste em executarmos com os dedos da mão esquerda, tanto a harmonia como a melodia de uma música ou tema.

A faixa “Baião Barroco” foi utilizada como vinheta de um canal de TV em Belo Horizonte, o que contribuiu ainda mais para sua popularidade em terras mineiras³.

Em 2000, com produção de Nivaldo Ornellas, Juarez participa do projeto “Quadros Modernos”, que reuniu três dos maiores violonistas mineiros, junto com Toninho Horta e Chiquito Braga. Lançado em 2001, o álbum “Quadros Modernos” se torna um marco para o violão mineiro. Um trabalho inteiramente dedicado à música instrumental para violão, onde os músicos violonistas, guitarristas e compositores interpretaram quinze músicas, todas composições próprias, tocadas em arranjos para duo, trio ou em performances solo.

A partir de 2005, Juarez passa a integrar a curadoria do FIV – Festival Internacional de Violão de Belo Horizonte com a ideia de criar um evento que pudesse trazer para a cidade violonistas e guitarristas dos 4 cantos do mundo e divulgar a música instrumental na cidade, através de shows, concertos, palestras e máster-classes, festival esse que já conta 9 edições.

Em 2007, Juarez participa do documentário “Violões de Minas” que foi escrito e dirigido pelo compositor, violonista, arranjador e produtor musical, Geraldo Vianna e conta a história do violão em Minas Gerais. O documentário põe em cena, falando e tocando, nomes representativos do violão mineiro de um período que vai da década de 1930 até os dias atuais. Dele participaram Chiquito Braga, Juarez Moreira, Toninho Horta, José Lucena, Teodomiro Goulart, Fernando Araújo, Beto Lopes e Wilson Lopes, Gilvan de Oliveira, Aliéksey Vianna, Dirceu Cheib, Renato Sampaio e Vergílio Lima.

Em 2010, Juarez Moreira lança o álbum RIVA (apelido de seu pai), seu trabalho mais intimista e camerístico. O álbum contém 12 composições próprias que são apresentadas para violão solo, algumas destas obras já haviam sido gravadas por Juarez em outros trabalhos com formações diversas e algumas foram gravadas originalmente na guitarra. Os temas Valsa para Maria, Samblues, Século 20 e Choro para Piazzolla já haviam sido gravados pelo próprio compositor.

[...] eu vivo de tocar, de tocar e gravar. Dou master-classes, mas minha atividade é tocar. Estudo todo dia, muito e componho. Tenho sempre planos de novos trabalhos e turnês. Vejo esse trabalho como uma coisa de dedicação, todo dia. “ (MOREIRA, 2017)

A GUITARRA ELÉTRICA

Juarez destaca que tanto ele, como Toninho, Chiquito sempre tocaram violão e guitarra, “ Nem todo violonista toca guitarra e vice-versa. E por acaso, esse perfil de tocar os dois instrumentos está aparecendo novamente” (MOREIRA,2017)

Sobre a guitarra elétrica, Juarez fala que sempre houve esse “namoro” com o instrumento, pois começou tocando violão e guitarra juntos, adaptou a técnica da mão

3 A “TV Alterosa” utilizou “Baião Barroco” como vinheta de sua programação. O arranjo do tema de Juarez pode ser conferido no link <<https://www.youtube.com/watch?v=aL7eNYrw4Sk>> e em <<https://www.youtube.com/watch?v=4HAEh9e-vGkw>>. Acesso em: 03/01/2017.

direita do violão na guitarra, assim como Joe Pass, Jorge Benson, Wes Montgomery e Jeff Beck, que o músico destaca como suas maiores referências no instrumento.

A guitarra e o violão são duas entidades totalmente diferentes, são dois CPFs diferentes, a única semelhança é que tem seis cordas. O violão é um instrumento de terra, ancestral, ibérico, a guitarra é um instrumento do asfalto, pós revolução industrial, que geram atitudes comportamentais completamente diferentes. (MOREIRA, 2017)

Juarez relata que nos anos 70 a música americana tinha grande influência na música brasileira, e que muitas pessoas tinham suas maiores referências estéticas “olhando para fora do Brasil” (MOREIRA, 2017). O maior nome da guitarra naquele momento era Jimi Hendrix, que todos reverenciavam, “Para todo mundo naquela época, o Jimi Hendrix quebrava todas as barreiras, quebrava tudo, você entende? Era a referência do novo.” (MOREIRA, 2017)

O Jimi Hendrix, aquela sensação, um grande músico. Com aquela iconoclastia dele. É um negócio muito genial né? Mas eu tava ouvindo o Baden Powell, o Toninho Horta, Hélio Delmiro. “ (MOREIRA, 2017)

Juarez olhando para trás reflete, que no sentido de inovação e de iconoclastia “O Baden Powell era meu Jimi Hendrix, pois tudo que o Hendrix representava para a maioria dos guitarristas, o Baden representava para mim.” (MOREIRA, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos através deste artigo e do vídeo “Juarez Moreira e uma breve história musical” apresentar um olhar mais próximo da vida e obra deste importante compositor-interpretador mineiro. Apresentamos um material inédito produzido através das entrevistas para este trabalho e divulgadas neste artigo e no vídeo para o 3ª Nas Nuvens. Constatamos que suas composições estão intimamente ligadas à prática instrumental do violão e da guitarra elétrica, e que suas obras surgem do contato direto com o instrumento e destacamos um pouco de sua trajetória musical, suas influências e principais parcerias. Tentamos mostrar um pouco da sua visão como compositor e intérprete e sua postura perante sua carreira.

REFERÊNCIAS

GALILEIA, C. (2012). **Violão Ibérico** (1st ed.). Belo Horizonte: Mauad Editora.2012

LOVISI, D. M. (2017). **A construção do violão mineiro: singularidades, estilos e identidades regionais na música popular instrumental de Belo Horizonte**. UFMG. – Tese de Doutorado em Música, UFMG, 2017.

MOREIRA, Juarez. Entrevista de Gustavo Bracher em 2015/2016. Belo Horizonte. Gravações de áudio e vídeo. Locais diversos.

_____. Entrevista de Gustavo Bracher em 14/10/2017. Belo Horizonte. Gravações de áudio e vídeo. Estúdio Engenho.

RIVA: Juarez Moreira (Compositor). Juarez Moreira (Interprete). (Violão). Brasil. Gravadora Beso Brasil, ano 2010. 1 CD.

SAMBLUES: Juarez Moreira (Compositor). Juarez Moreira (Interprete). (Violão/Guitarra). Brasil. Independente, ano 1997. 1 CD.

ANEXO A -Transcrição da entrevista do vídeo “Juarez Moreira e uma breve historia musical”

Estúdio Engenho, Belo Horizonte, 14/10/2017

Juarez Moreira - Venho de uma família de músicos, como meu pai gostava de dizer, diletantes.

Meu avô vem de uma ascendência espanhola. Cultivou música em casa.

Meu era um violonista, como ele mesmo dizia, diletante, mas tocava muito bem violão, Dilermando Reis, e tinha um som muito bonito.

Meu tio foi um virtuose do violão, William Moreira. Chegou a tocar para Ary Barroso, pra Tom Jobim, pra Bonfá ...

Meu irmão, Celso Moreira, você sabe, é um músico aqui da cena.

Não passava pela nossa vida ser músico profissional. No contexto da ditadura, as pessoas não escolhiam sua profissão

Largando o curso de engenharia, que foi uma temeridade na época, faltando duas matérias para formar no último semestre. E por que? Ah, você é louco ? Posso ser louco sim.

Você tem que lutar pelas coisas que você gosta. E a vida você só vive ela uma vez só.

Então? Então, eu tenho uma alegria enorme de ter feito uma opção certa, pra mim. Porque eu sem a música não seria nada.

Nós ouvíamos o Bonfá, o Paulinho Nogueira, o Baden Powell, o Garoto, o Zé Menezes, Laurindo Almeida. E ouvíamos a Bossa Nova, Luiz Eça, o Tom Jobim o meu ídolo maior! E ao mesmo tempo, eu ouvia Roberto Carlos e Erasmo, que eu acho genial! Adoro!

Papai gostava também muito de Dilermando Reis, aquelas valsas lindas, aquele negócio. Quer dizer, um mundo muito cheio de cultura, assim, entendeu? Em seguida tendo o contato com o jazz moderno, o Miles Davis, a gente ouvia o Wes Montgomery, o George Benson ...

“Tava” sempre por perto, nessa parte com o Toninho Horta, ao lado do Toninho Horta, que foi muito importante ver aquele violão maravilhoso dele e a pessoa também. Que ele abraçou a gente. O Toninho Horta, o Nivaldo Ornelas, o Wagner Tiso, entendeu? Conheci o Milton também, teve uma época que o Milton Nascimento foi muito generoso, me levou um dia para ver o Tom Jobim.

Essa coisa de composição, que você falou aqui, eu toquei o Tom Jobim, emblematicamente, pra definir assim mais ou menos de onde eu venho.

A composição, engraçado, foi uma coisa que apareceu na vida por acidente assim. Quer dizer, eu sempre gostei de tirar músicas dos outros ao violão. Tirava Baden Powell, Paulinho Nogueira, Bonfá. Tirava disco também de piano, ouvia, orquestra.

(Gustavo Bracher) - E tudo tirado de ouvido?

(Juarez Moreira) - Paulinho Nogueira, e tudo. E aí, muita coisa de tirar música, eu tinha uma avidez enorme em tirar música. E eu pegava, e as vezes eu cometia algumas coisas. Eu fazia uma coisa aqui. Um dia eu tava fazendo assim, né, fazia ...

A música do Clube da Esquina também exerceu uma influencia muito grande no modo fazer produção. São muito boas músicas. Aquele negócio. Porque já era uma coisa além da Bossa Nova e “do coisa”. E misturava rock n’ Roll com jazz com rock progressivo, com clássico, com a harmonia do jazz e a harmonia.

Naquele momento, todo mundo entendia a guitarra como se tocasse a guitarra com palheta. Mas tinha guitarristas que não tocavam com palheta.

Ah, você não é guitarrista porque você não toca com palheta. Ai eu falei; Peraí !
O Jeff Beck toca com mão, o Joe Pass ...

O Jimi Hendrix, aquela sensação, um grande músico. Com aquela iconoclastia dele. É um negócio muito genial né? Mas eu tava ouvindo o Baden Powell, o Toninho Horta, Hélio Delmiro.

O “Riva” foi feito para tocar. O “Bom Dia” também. O “Baião Barroco” também, é solado né ...